

"O LINGOTE": FONTE JORNALÍSTICA PARA A
HISTÓRIA POPULAR TUBARONENSE (1953-1958)

Maria Regina Boppré*

A promoção institucional de um ARQUIVO TUBARONENSE impele-nos, novamente a abordar o tema (1), tendo em vista que esta iniciativa é imprescindível numa comunidade que deseja conhecer as suas raízes e defender o seu patrimônio cultural.

Os pesquisadores que labutam em tal seara, tem em conta as inúmeras dificuldades advindas da falta de um ARQUIVO. Sem uma centralização, por mais modesta que possa parecer, os documentos ficam dispersos, inacessíveis e, o mais grave, correm risco de destruição.

O tubaronense Walter Carlos ZUMBLICK, conhecido patriarca da história de Tubarão, comenta tais obstáculos quando estava a "cotejar umas perdidas pistas históricas dos nossos começos" (2) e, quando da biografia do fundador da cidade (3), desabafa, afirmando que o passado esconde com pronunciada usura, grande parte da jornada terrena do referido pioneiro.

O exemplo que acabamos de aludir bem demonstra a situação de quem se dispõe a contribuir para a história da sua comunidade. Como Zumblick, incontáveis pesquisadores se defrontam com semelhantes obstáculos e, sobretudo, quando nesta mesma localidade não se encontra uma instituição que promova a preservação da memória escrita.

* Presidenta da AAA-SC - Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina
Mestra em História

Do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

(1) BOPPRÉ, M. Regina. A memória histórica de Tubarão e o Arquivo Público. In: Jornal Tribuna Sulina, Tubarão, 07/09/1984, p.2.

. A propósito da criação do Arquivo de Tubarão. In: Revista Ágora, Florianópolis, 5 (10): 25-28, dez. 1989.

(2) ZUMBLICK, Walter. Este meu Tubarão. V.1 Tubarão, 1974, p.35 e 47.

(3) João Teixeira Nunes.

Daí a nossa insistência na conservação das fontes documentais disponíveis, sejam elas escritas ou orais, civis e religiosas, políticas e administrativas, econômicas, sociais e culturais, que encerram importantes aspectos do passado tubaronense.

Nesse sentido cumpre lembrar o importante papel desempenhado pelo "O Lingote" (4), quinzenário editado pelo serviço de relações exteriores da C.S.N. - Companhia Siderúrgica Nacional.

O jornal era editado no Rio de Janeiro e encaminhado à agência da Varig, em Tubarão. Em seguida era encaminhado para a divisão de serviços administrativos, em Capivari, onde, através de um serviço de fichário próprio, cada exemplar era endereçado ao destinatário. No setor de Santa Catarina "O Lingote" mantinha um correspondente em Tubarão (5) e outro em Siderópolis (6).

"Com o aparecimento do jornal, tivemos a impressão - nós que trabalhávamos num ponto distante dos núcleos de maior expressão da Companhia - que fomos levados, no espaço e no tempo, para as suas vizinhanças" - assim se manifestava um leitor.(7) De fato, até 1953 (8) eram remotos e imprecisos os contatos entre Volta Redonda, Capivari e Siderópolis.

Objetivando aproximar os operários, trocar notícias e idéias, o jornal circulou, quinzenalmente, de março de 1953 a abril de 1957 (até o número cem). Em maio de 1957 passou a ser mensário e editado pelo serviço de imprensa da referida Companhia.

Através da sua variada seção de notícias, podem-se compreender importantes estudos que vão desde a coluna social, às "amistosas relações entre a alta direção da Companhia e o operariado", aliás, amplamente divulgadas.

Um fato que nos chama a atenção, sobretudo nos atuais tempos do "pacto social", encontra-se na coluna intitulada "De Capi-

(4) BOPPRÉ, M. Regina. O Lingote: um testemunho da era varguista sobre o operário catarinense - 1953-1958. (Em elaboração adiantada)

(5) Miguel Ximenes.

(6) Nicolau Scafuto.

(7) Cf. O Lingote. Rio de Janeiro, 25/03/1955, nº 49.

(8) O numero um de O Lingote foi lançado no dia 23/03/1953.

vari", "De Siderópolis" e "De Laguna", que se alternava . Nesta, a-
parece a fotografia de um determinado operário (quase de meia pági-
na) e o seu perfil, digamos assim. O redator cuidava de salientar,
além do aspecto profissional, dos seus antecedentes, aspirações, fa-
mília, esporte, lazer em geral, etc.

Muito bem escrita e dosada, a seção de entrevistas forne-
ce subsídios valiosos que, analisados no contexto paternalista da
época "cesseniana" (diga-se varguista) nos dá o perfil do operário
de então, cuja maior aspiração era, segundo o articulista, conhecer
a C.S.N. (Companhia Siderúrgica Nacional) em Volta Redonda (9).

A maioria dos entrevistados (10) afirmava que o seu maior
desejo era montar uma pequena oficina em sua residência, ou aumen-
tar a sua horta, ou a criação de perus, etc., a fim de trabalhar
nas horas de folga "pois havia sempre a necessidade de aumentar o
ganho..." (11). Outros desejavam mesmo, como o minerador José Mar-
cílio Rodrigues, de Siderópolis, "sair fantasiado de cegonha", no
carnaval.

Em que pese o bom humor do articulista e do entrevistado,
é evidente a dureza da profissão, como o próprio operário confessa:
"o primeiro sentimento que tenho, quando vejo desabar uma galeria
perto de mim, é o remorso. Expio de uma vez só todos os meus peca-
dos - que não são muitos - apressa-se em dizer" (12).

Outro, como o encarregado do Serviço de Amostragem do
Carvão, Raul Claudino Soares, lamentava que nunca alguém, a exemplo
das "bolsas de estudo", houvesse instituído a "bolsa de carnaval",
para o qual ele, naturalmente, era o primeiro candidato. Parodiando
a célebre frase "ver Nápoles e morrer", era fã incondicional da "ci-
dade maravilhosa", sendo o seu sonho, conhecer o Rio de Janeiro, du-
rante o carnaval, é obvio. (13)

(9) Cf. O Lingote. Rio de Janeiro, 25/09/1953, nº 13. Entrevista com
Manoel João Correia, mecânico da C.S.N., em Capivari-Tubarão.

(10) As entrevistas consultadas foram em número de cem (O Lingote, nº
01, de 25/03/1953 ao nº 100, de 10/05/1957).

(11) Cf. op. cit., 10/04/1953, nº 2.

(12) Ibidem.

(13) Ibidem, 10/05/1953, nº 04.

Flagrantes eram registrados e comentados, como a "aranha do seu Lalau" que aparece logo no primeiro número do referido periódico, nos dando ciência de como Ladislau Correia Larroyd, um dos mais antigos funcionários da C.S.N., resolveu o problema de transporte para a sua numerosa família - colocando mais uma roda na sua viatura - inventando a nova versão da "aranha de três rodas". (14)

A conhecida "casa dos passarinhos" pertencia a Luiz Manoel Saturnino, morador da Vila Mendonça Lima, antigo conjunto residencial dos trabalhadores da Companhia e servia como ponto de referência "pois mais parecia um autêntico viveiro". (15) "É que gosto de ter a impressão de viver em plena floresta" (16), explica o operador de máquinas da Usina de Beneficiamento de Capivari.

Curiosa é a coluna "De Capivari" entrevistando o líder sindical, Lourival Arbués Cavalcanti e também a maneira que o credenciou a assumir a presidência da Associação Profissional, origem do futuro Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Beneficiamento de Carvão de Tubarão, entidade que arregimenta todos os empregados que exercem atividade em Capivari. Foi o primeiro presidente do sindicato e assim foi retratado: "dedicado ao extremo, aos interesses da entidade que preside, Lourival não dispõe senão de horas miúdas de lazer, passadas quase todas no lar. E a sua maior distração é ouvir rádio, notadamente os programas noticiosos, para ficar a par do que vai pelo mundo, e música, da qual é grande apreciador." (17)

Diz o cronista que o líder sindical tinha sido um grande desportista na juventude e que as suas preferências clubísticas distribuíam-se pelo Ferroviário de Tubarão e pelo América, do Rio, mas quanto aos clubes de Capivari, preferia não torcer. "É de boa política para um presidente de sindicato ficar equidistante..."(18) conclui.

(14)Cf. Op. cit., 25/03/1953, nº 1.

(15)Ibidem, 10/11/1953, nº 16.

(16)Ibidem.

(17)Cf. Op. cit., 10/10/1956, nº 86.

(18)Ibidem.

As organizações de classe de Tubarão comemoravam, festivamente, o Dia do Trabalhador. As entidades sindicais, que integravam trabalhadores nas indústrias das construções e do mobiliário, trabalhadores rurais e trabalhadores na indústria de beneficiamento do carvão, executaram, num ambiente de entusiasmo, o vasto programa comemorativo. Dessa forma eram noticiadas as diversas festividades - desde às ligadas ao dia do trabalhador - aos flagrantes tomados, quando das visitas realizadas à zona carbonífera, principalmente quando o visitante era o presidente da C.S.N.

Nestas ocasiões, como era de praxe, proferiam-se longos discursos, como os das solenidades de inauguração, por exemplo, das placas da praça Getúlio Vargas e avenida Gal. Raulino de Oliveira, em Capivari. Na "fala" do então presidente da C.S.N. cuja avenida lhe emprestou o nome, nota-se o modelo característico da era varguista, o populismo. (19)

No discurso percebe-se o apelo que faz o orador, evocando aspectos da vida do "grande estadista" como ele próprio classifica, dizendo que "justo é que volvamos os nossos olhos para o passado e busquemos a figura do Estadista que um dia, vencendo o ceticismo que o rodeava, amparou o carvão e com ele ajudou a fundar a indústria siderúrgica pesada, para indicá-lo aos contemporâneos e lembrá-los, amanhã, aos pósteros...". (20) De fato, já antevia o orador as consequências da grave crise instalada no país, que resultou no fim trágico e comovente de Getúlio Vargas.

Muito preciosa é a matéria publicada no quinzenário acerca das importantes providências "relativas aos serviços sociais" (21) em Santa Catarina, resultando daí, em menos de um ano, a execução de obras importantes como o Recreio do Trabalhador, de Capivari e Siderópolis e o Restaurante, velhas aspirações dos trabalhadores. (22)

(19) Cf. Op. cit., 25/05/1953, nº 05 e passim.

(20) Ibidem, 25/06/1954, nº 31.

(21) Ibidem, 25/03/1955, nº 49.

(22) Ibidem, 10/01/1956, nº 68.

Para bem ilustrar todo o referido, não resistimos a tentativa de transcrever a seguinte biografia: "ALBERTO só veio a conhecer os "Meus oito anos" de Casimiro de Abreu, quando era adulto. Achei-o bonito, como soneto, mas, para ele, sem qualquer sentido. Pois se houve infância que não deixou saudades foi a sua. Inteiramente diferente daquela cantada pelo poeta fluminense. Infância de agruras, de dificuldades e quase nenhum folguedo. Jamais soube que na aurora da vida as tardes eram mais fagueiras, quando à sombra dos laranjais, pois nessa época labutava de sol a sol, para ajudar o pai a sustentar a família numerosa. E ficando órfão, teve de abandonar os estudos para lançar-se no remoinho da vida e auxiliar a mãe a criar os doze irmãos. Era uma sobrecarga de responsabilidades sobre ombros fracos, ainda, mas que serviram para moldar a personalidade e o caráter daquele rapazinho. Deram-lhe uma profunda noção de dever que ele soube conservar pelos anos afora. E que o fizeram respeitado e considerado por todos que sabiam de sua luta para dar conta dos encargos de família, cuja chefia assumiu ainda de calças curtas.

Essas credenciais, valeram-lhe a permissão para praticar na Coletoria Estadual de Tubarão, como "office-boy". Não percebia vencimentos fixos, mas tão somente uns magros "trocados" que a bondade do coletor permitia. Ainda assim, servia para a manutenção da casa, ao mesmo tempo que ele adquiria experiência da vida e confiança em si mesmo. E preparava-se para o seu primeiro emprego realmente remunerado, que seria a CSN. Iniciavam-se, então, os trabalhos em Capivari de Baixo e Alberto ali admitido como auxiliar de escritório, para servir na seção do pessoal. Mas ali pouco tempo permaneceu, pois o Contador Seccional, que sabia das suas aptidões para lidar com algarismos, reveladas no manuseio constante e talonários e balancetes da Coletoria, chamou-o para trabalhar consigo. Em pouco tempo, o jovem empregado firmava conceito entre os seus colegas de trabalho e iniciava sua ascensão nos quadros da empresa, dobrando de salário ao fim do seu primeiro ano de casa. Nessa época, foi convocado para o Serviço Militar e quando retornou, recebeu a sua primeira função de confiança — a de chefe da Seção de Controle da Contadoria Seccional. Desincumbiu-se tão bem de sua missão que foi designado o substituto eventual do Contador, exercendo esta última função por diversas vezes.

Dissemos, atrás, que por contingências da vida ele teve de abandonar a escola primária. Mas Alberto jamais se descurou dos estudos. Sempre teve a preocupação de não se apartar dos livros. E por auto-didatismo tornou-se um dos mais intelectualizados servidores da CSN em Santa Catarina. Leu muito, principalmente os clássicos da língua e ilustrou-se. E é também um excelente contabilista, a quem falta, apenas, o curso oficial.

Há um episódio na vida siderúrgica de Alberto Cargnin do qual ele não se esquece até hoje. Foi quando, por determinação do Contador seguiu para Florianópolis a fim de entregar determinada importância ao Chefe do Setor, que se achava enfermo na capital catarinense. Já no interior do hospital, quando ia fazer a entrega do dinheiro, deu pela falta da carteira. Procurou em todos os bolsos e

nada. Voltou atrás em seus passos, mas não encontrou a carteira. Co-
meçou a ficar aflito e dirigiu-se ao automóvel em que viajara, para
ver se não a deixara cair no veículo. Removeu bancos, levantou tape-
tes e nada. De relance, viu a possibilidade de desmoronamento de sua
carreira na CSN. Embora tivesse a melhor reputação, era difícil ex-
plicar a perda do dinheiro. E nenhum dos seus amigos dispunha de tal
importância, para auxiliá-lo naquela emergência. E foi com êsses
pensamentos, ao mesmo tempo que invocava a proteção dos santos de
sua veneração (é católico fervoroso), que iniciou a viagem de volta
para Tubarão. No meio do caminho, porém, deu o "estalo" na cabeça
do motorista. A carteira podia ter caído e resvalado para o porta-
bagagem do carro, única parte do automóvel que não remexeram. Freia-
do o carro no meio da estrada, foram vasculhá-la. E de fato lá esta-
va a carteira. Foi um alívio para ele, que até hoje paga as promes-
sas feitas naquela ocasião. Alberto é também caçador e no inverno
embrenha-se pelas matas do Sul de Santa Catarina, para caçar. Em
tom jocoso, afirma que se iguala aos maiores da região, mas leva des-
vantagem num só ponto: jamais foi capaz de mentir a respeito dos ti-
ros que erra..."(23)

A ponderar fica o seguinte: de "caçador" Cargnin transfor-
mou-se em grande defensor da ecologia tubaronense e não era raro
vê-lo nos colégios (e ainda nos dias atuais) a primar pela importan-
te causa.

Embora considerando que o número de funcionárias era bem
reduzido naquela época, a mulher, efetivamente, não costumava figu-
rar na categoria dos entrevistados. Nas cem colunas estudadas, figu-
raram noventa e nove homens e apenas uma mulher. Foi o caso de Ce-
lestina Corrêa da Rocha que começou a sua vida profissional como
professora rural, foi funcionária da Estrada de Ferro Dona Teresa
Cristina e datilógrafa na C.S. N., onde recebeu, pelas suas qualida-
des profissionais, diversas funções importantes na Contadoria.

A seu respeito disse o cronista que ela tinha grande in-
teresse em tudo o que dizia respeito a C.S.N., lendo com atenção "O
Lingote" "isso sem falar na sua condição de dona de casa, que encontra
na seção especializada da nona página, conselhos e informações
da maior utilidade". (24)

(23)Ibidem, 09/06/1955, nº 54.

(24)Ibidem, 25/09/1955, nº 61. (A propósito: na nona página encontra-se a seção "Tudo para o Lar")

Arrolamos estes exemplos por pensar que nunca é demais insistir no grande manancial que representam estas notícias, publicadas nos mais diversos periódicos, quiçá, esparsos nas repartições públicas e particulares.

Discursos, entrevistas, notas sociais, crônicas policiais, receitas culinárias (no "O Lingote" aparecem receitas milionárias para bolsos operários...), seção esportiva, etc., enfim, documentação capaz de fornecer pistas aos interessados no resgate da história cotidiana e popular da sua comunidade. Daí a importância de um ARQUIVO — instituição fundamental — sem qual será muito difícil esse resgate.

Tais são as expectativas promissoras que se abrem para o recém-criado ARQUIVO DE TUBARÃO.